

ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA HOMENS GAYS NA PLATAFORMA DE MÍDIA SOCIAL INSTAGRAM

MICHAEL MACHADO DA SILVA¹;
RAQUEL DA CUNHA RECUERO³

¹*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – michael.machado@ufrgs.br*

³*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – raquel@pontomidia.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo analisar a construção e legitimação de discursos de ódio direcionados aos indivíduos que se identificam como gays, veiculados na plataforma de mídia social, especificamente no Instagram, por três figuras públicas: DJ Alan Rissato, o dublador, compositor e cantor Daniel Garcia (conhecido pelo nome artístico Glória Groove) e Rafa César, criador de conteúdo digital.

Para tanto, emprega-se a metodologia proposta por Orlandi (2009), denominada Análise de Discurso (AD), que compreende duas dimensões principais: discursiva e ideológica. Essa abordagem visa evidenciar os discursos enquanto instrumentos de poder simbólico, influenciando na construção da realidade social.

2. METODOLOGIA

A Análise de Discurso, AD, proposta por Orlandi (2009) permite observar os discursos sob três prismas: o sujeito (enunciador e suas estratégias para validar o discurso); o sentido (significados do discurso enunciado) e a ideologia (ideias ocultas no discurso em prol da dominação das classes ou grupos dominantes com intuito de manter sua hegemonia sobre as classes ou grupos dominados).

O procedimento adotado neste estudo seguiu um procedimento de três etapas: a) análise do objeto discursivo, na qual, por meio da leitura, busca-se identificar as marcas de discursividade na superfície linguística, como palavras, frases e imagens, que configuram as formações discursivas; b) estabelecimento da relação entre as formações discursivas e as formações ideológicas, com ênfase nos efeitos metafóricos, considerando a possibilidade de uma palavra assumir múltiplos sentidos; c) identificação da origem dos sentidos, ou seja, a atribuição das ideologias às quais o discurso pertence.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados para a realização das análises compreende o período entre o dia 1 de julho e 1 de setembro de 2024, levando em consideração o fato de que as contas analisadas são de três figuras públicas, responsáveis por gerar muito conteúdo e consequentemente, interação, foram selecionadas 30 postagens de cada um para posteriormente, ser divididas em três formações discursivas.

As formações elencadas para análise são: Formação Discursiva I – Discursos de Aparência, conjunto de enunciados que usam como estratégia os

padrões de beleza para propagar e legitimar discursos de ódio; Formação Discursiva II – Discursos de Gênero, conjunto de enunciados que usam como estratégia os papéis de gênero para propagar e legitimar discursos de ódio e; Formação Discursiva III – Discurso Religioso, conjunto de enunciados que usam como estratégia a religião para propagar e legitimar discursos de ódio.

A primeira formação elencada corresponde aos discursos de ódio que fazem alusão à aparência das figuras públicas, principalmente, Alan Rissato e Daniel Garcia que abordam em suas postagens a autoaceitação dos seus corpos. Os indivíduos que proferem os discursos de ódio usam de recursos linguísticos como metáforas para compará-los com figuras geométricas, animais e até mesmo desenhos animados.

Em suma, os discursos de aparência analisados neste estudo colocam o corpo como uma construção social, construída por meio do culto à boa forma, na busca perenal pela aparência jovem e o vigor físico, evidenciando que todos aqueles que não atendem aos padrões impostos, são considerados inapropriados. Gordura, flacidez, estrias e demais marcas, representam o desleixo e automaticamente, de acordo com Goldenberg (2002), transformam o corpo “fora de forma” em “indecente”, o que não deve ser exibido em público.

Documentadamente, do ponto de vista político e social, são firmadas posições conservadoras acerca do corpo, do sexo e do gênero, ambos, naturalizados por um discurso que tende a colocar sobre a biologia a responsabilidade por diferenças notadas entre o que se comprehende como “masculino” e “feminino”. Por esse viés, a segunda formação analisada no presente estudo alvitra a existência das normas e padrões de comportamento que impõem não somente regras sociais como também relações de poder que, perpetuam preconceitos, discriminações e violências.

Nesta categoria foi verificado que os discursos de ódio utilizam recursos linguísticos como a ironia para expressar o oposto do que o indivíduo pensa e quer dizer (às vezes os discursos eram ilustrados com *emojis*¹ de risada). No caso do criador de conteúdo digital, Rafa César, os ataques mais frequentes são relacionados ao fato dele e do seu companheiro adotarem uma criança, compondo uma família homoparental². Logo, os discursos sugerem que uma família de verdade deve ser composta por um pai que seria um homem cisgênero heterossexual (provedor, responsável pelo sustento econômico da família) e a mãe que seria uma mulher cisgênero heterossexual (cuidadora do lar e auxiliadora do marido), ambos, casados perante a lei dos homens e a lei divina.

A última formação discursiva analisada corresponde aos discursos religiosos, que segundo Orlandi (2009), se faz ouvir a voz de Deus e seus enviados. Apresentando discursos cujas bases teóricas estão cunhadas nos textos sagrados, os quais culpabilizam e marginalizam “aqueles que vivem no pecado”, no presente estudo, as personalidades que se identificam como parte da comunidade LGBTQIAPN+.

¹ Os *emojis* são pictogramas ou ideogramas, imagens que transmitem a ideia de uma palavra, frase ou então, emoção. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>>. Acesso em: 30 de julho de 2025.

² O termo “homoparentalidade”, criado em França em 1997, refere-se a famílias compostas por pessoas do mesmo sexo que se definem como homossexuais e que exercem a parentalidade. Este termo, criado por uma associação de pais gays e lésbicas, tem sido usado para descrever as diferentes formas de famílias homoparentais, como casais do mesmo sexo com filhos ou famílias onde um homossexual cria filhos. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/>>. Acesso em: 30 de julho de 2025.

Nesta formação discursiva, os discursos mais frequentes evocam que os sujeitos sociais que não se encaixam no padrão homem cisgênero heterossexual, automaticamente, estão indo contra o que definem como as Leis de Deus e como consequência, queimarão no inferno, afinal, são desviados e também, a prova de que é o fim dos tempos. Por esse motivo, merecem a punição dos homens e do divido – a violência simbólica sendo apenas uma das formas de castigo. A fim de instaurar a submissão, a violência advinda da linguagem, a violência simbólica, é utilizada para não somente a reprodução como a manutenção de normas e diretrizes, criadas como espaços simbólicos cuja finalidade é punir comportamentos desviantes. O inferno é um exemplo de espaço punitivo que realiza simbolicamente o mesmo efeito dos inquisidores, decidindo quem merece um lugar no céu ou não.

4. CONCLUSÕES

A combinação das três formações discursivas revela um padrão de legitimação nos discursos voltados às pessoas responsáveis pelas contas no Instagram. As estratégias de desqualificação empregadas têm como foco principal a desumanização dos membros da comunidade LGBTQIAPN+, partindo do entendimento de que esses indivíduos representam desvios dos padrões sociais considerados normais. Em conformidade com a visão heteronormativa estabelecida, essas estratégias reforçam uma concepção reguladora das relações sociais por meio da propagação de ideias pejorativas relacionadas às práticas não heterossexuais, associando-as a conceitos de doença e perversão, o que contribui para naturalizar e perpetuar práticas homofóbicas decorrentes do imaginário social construído.

Referente aos agentes disseminadores de discursos de ódio, foi descoberto que não se limitam a mulheres e homens cisgênero e heterossexuais, mas também englobam membros da própria comunidade LGBTQIAPN+. Esses agentes contribuem para a legitimação de discursos de ódio direcionados àqueles que não correspondem às expectativas sociais relacionadas à lógica do sexo biológico e às performances de gênero, o que resulta em discriminação e, consequentemente, em violência simbólica. Dessa forma, confirma-se a perspectiva dominante e evidencia-se a condição dos indivíduos subjugados: socialmente moldados por preceitos heteronormativos, tanto em relação à sua identidade e interação com o mundo quanto em relação aos demais grupos oprimidos. Contudo, à medida que discursos de ódio são propagados e legitimados, há o movimento de contestação por parte dos fãs e simpatizantes das figuras públicas afetadas por eles, gerando um debate a favor da pluralidade de gêneros propondo o distanciamento dos modelos estereotipados que em suma, são baseados na dicotomia (homem e mulher) e implementando novas formas de subjetividade, livres do imperativo das divisões traçadas pelas representações sociais até então vigentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. In. **Nu e vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. São Paulo: Pontes, 2009.
- VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WALL, M. **The Platform Society: public values in a connective world.** Oxford University Press, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190889760.001.0001>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- ŽIŽEK, S. **Violência:** seis reflexões laterais. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2014.